

# O FUTURO.

PERIODICO LITTERARIO.

I. ANNO.

15 de Outubro de 1862.

III.

## SUMARIO.

|  |         |   |          |
|--|---------|---|----------|
| O SENHOR D. PEDRO II, por J. P. de C. . . . .  | pag. 73 | LEMBRANÇAS, por D. . . . .                        | pag. 102 |
| ILHA DOS AÇORES por José de Torres . . . . .   | pag. 84 | O VERSO ALEXANDRINO, por Luiz Del- fino . . . . . | pag. 104 |
| Os PAIOS, por F. X. de Novaes . . . . .        | pag. 90 | CHRONICA, por A. Moutinho de Souza. . . . .       | 107      |
| CORRESPONDENCIA por Miguel de Novaes . . . . . | pag. 98 |   |          |

RIO DE JANEIRO

IMP. DE BRITO & BRAGA, TRAVESSA DO OUVIDOR N. 17.





First system of musical notation, featuring treble and bass staves. The treble staff contains a melodic line with slurs and accents. The bass staff provides harmonic support with chords and moving lines. Dynamic markings include *ff* and *mf*.

Second system of musical notation, continuing the piece. It features similar melodic and harmonic textures as the first system, with dynamic markings of *ff*, *mf*, and *f*.

Third system of musical notation, starting with a piano (*p*) dynamic marking. The treble staff has a long slur over several measures, indicating a sustained melodic phrase.

Fourth system of musical notation, showing a continuation of the melodic and harmonic material.

Fifth system of musical notation, featuring a more active bass line with frequent chord changes.

Sixth system of musical notation, concluding with a double bar line and repeat signs, indicating the end of a section.

Seventh system of musical notation, beginning with the instruction *Simplice e P*. It features a melodic line in the treble and a steady bass accompaniment.

First system of music, consisting of a treble and bass staff. The treble staff contains a melodic line with eighth and sixteenth notes, while the bass staff provides a harmonic accompaniment with chords and moving lines.

Second system of music, featuring a first and second ending. The first ending is marked "1ª Vez." and the second ending is marked "2ª Vez.". Dynamics include *ff* and *p*. The instruction "leggero e con grazia" is written above the treble staff.

Third system of music, continuing the piece. Dynamics include *ff*, *p*, and *mf*. The instruction "leggero" is written above the treble staff.

CODA.

Fourth system of music, the beginning of the coda. Dynamics include *p*. The instruction "Cantabile" is written above the treble staff.

Fifth system of music, continuing the coda. The treble staff features a melodic line with a long slur over several measures.

Sixth system of music, continuing the coda. Dynamics include *mf*.

Seventh system of music, the final system of the page. The piece concludes with a final cadence in the treble staff and a sustained bass line.

4

*ff* *ff*

*ff* *f*

*ff* *p* *ff* *legg.*

*p* *ff* *p*

*legg.* *ff stretto.* 8a

8a *marcato.*

col 8a

# O SENHOR D. PEDRO II.



IMPERADOR DO BRASIL

(Continuado da pagina 51.)

## V.

Considerámos o Imperador, em seu berço, em sua primeira infancia, em sua successão ao throno, em seus estudos e habilitações. A ordem dos successos nos traz agora a assumpto gravissimo por si mesmo, seu alcance, suas circumstancias, seus riscos, seu aresto e suas consequencias.

Protestámos a nós mesmo, superpormo-nos a todas as considerações, para só tomarmos por pharol a verdade. Cumpre, neste objecto melindroso, encarar a questão á luz dos principios, por não pertencermos á escola dos que, endeusando os *factos consummados*, estão prestes sempre a eleva-los á altura de justiça, e nem cremos na incompatibilidade das palavras *politica* e *direito*. E como não aspiramos a foros de infallibilidade, seja-nos tolerada a expressão de opiniões, ainda quando contrariam os successos triumphantes, e qualquer que seja a parte que todos (e cada um) hajam nelles tomado.

Nove annos haviam decorrido, desde que o imperial mancebo fôra acclamado Imperador. E' certo que esse periodo fôra cheio de muitas perturbações, explicaveis pela dupla circumstancia — do trabalho da transformação, e agitação das idéas, começado desde 1820 — e da situação provisoria, e incommoda de todo o paiz monarchico, sob transitoria duração de Regencias.

Quatro foram estas: — a trina, já descripta; — a do Snr. Lima e

Silva, Braulio, e Costa Carvalho; — a do Snr. Diogo Antonio Feijó; — a do Snr. Pedro de Araujo Lima (hoje Marquez de Olinda e Presidente do Conselho). — Nenhuma dellas repousou em colção de rosas; todas nasceram em dias tempestuosos, viveram em luctas renhidas, succumbiram por meios desagradaveis.

As facções nas provincias haviam alçado o colto, ameaçando de muitos excessos. Aos germes de dissolução, que iam lavrando, suppôz-se pôr termo com a discussão e promulgação (aos 12 de Agosto de 1824) da *lei das reformas constitucionaes*.

Essa lei conferia ás provincias uma especie de autonomia, por meio de suas assembléas legislativas, convertendo, porque assim digamos, as instituições geraes n'uma quasi *monarchia federativa*; restringia o poder e a acção do governo central; supprimia o conselho d'Estado; e estabelecia as condições das regencias, durante as minoridades.

Não é este o lugar de aquilatar oportunidade, conveniência e alcance de simillantes disposições; além disso, incorporadas hoje na constituição, formam parte do nosso direito publico; cumpre acatal-as.

Mas essas e outras muitas concessões não satisfaziam as exigencias, sem cessar renascentes. Revoltas ensanguentadas, perigosas, multiplicadas, diuturnas, com aspirações, bandeiras e principios (?) diversos, iam invadindo formosas provincias do Imperio: Pernambuco, a Bahia, o Maranhão, o Pará, o Rio Grande foram theatro de mui deploraveis acontecimentos, em que não deve insistir quem escreve simples apontamentos biographicos, e não chronica.

Assim eramos chegados ao anno de 1840. Manda a imparcialidade reconhecer que as circumstancias se tinham ido successivamente aggravando, e que o extremo elasterio consentido, já ás mais exaltadas ou desvairadas opiniões, já ás ambições sempre habeis na *pesca em aguas turvas*, tudo soprou violentamente sobre o céu do Brasil negras e condensadas nuvens, prenes de electricidade politica. Não o neguemos: o governo tinha-se tornado *fraco*: *fraco* porque as noções da licença tinham invadido até mesmo o sanctuario da auctoridade; *fraco*, porque a desordem campeava impune, e talvez mais audaciosa ainda nas idéas que nos factos; *fraco*, porque as provincias pediam a Menenio Agrippa que lhes repetisse o seu apologo; *fraco*, porque de dia em dia se ia cavando o abysmo do *deficit*; *fraco*, porque as Regencias não dispunham do prestigio, e de alguns dos recursos magestaticos; *fraco*, enfim, por outros motivos, que supprime quem deseja acatar a todos os nossos

homens illustres, motivos que aliás se acham presentes e vivos na memória e consciencia de todos.

Esta situação foi habilmente aproveitada. Para logo se creou, e tomou corpo uma opinião que, sob apparencia infinitamente monarchica (extremos tocam-se; todos os meios são bons; e tem-se visto realistas, que o sejam mais do que o rei), proclamou como o melhor e unico remedio para a situação uma aclamação de maioridade, immensamente precoce, do Imperante (*Tímeo Danaos!*). Não perscrutemos intenções: admittamos que em torno á idéa se arregimentassem bons e máos impulsos: — os que lealmente esperassem do grão successo melhoramento para as cousas publicas — os opposicionistas que nelle encarassem triumphos sobre Regencias e Regentes? — os que nutrissem o pensamento satânico de fazer sossobrar a monarchia, confiada a mãos inexpertas de piloto infantil?

E então se proclamava haver uma classe de idéas, das quaes se pode dizer que nascem armadas como Minerva; que uma vez postas em actividade, não voltam mais em sua marcha, e que da resistencia tiram novo alimento, novas forças. Que nesta classe tinha uma ordem distincta a idéa da necessidade do immediato e permanente governo do monarcha, depois das commoções intestinas, da fraqueza e inconstancia do poder, e do provisorio de uma longa minoridade. Que cansados os animos deste estado anormal, destas miserias, olhavam com impaciencia para a entrega do poder ao seu agente legitimo; e que se o prazo legal desse termo era muito remoto, se o vaso da paciencia publica se esgotava, a anciedade insoffrida antecipava á marcha lenta da natureza, e á providencia do legislador, que deviam ceder ao imperio indeclinavel de uma indispensavel necessidade.

Estas idéas, que talvez dos clubs sahisses para as praças da côrte do Rio de Janeiro (que ainda então, como em 7 de Abril, dictou lei ao Imperio) subiram das praças ao recinto de ambas as camaras do poder legislativo. Borrascosas, mormente na camara dos deputados, foram as sessões do mez de Julho de 1840; pois que a tudo se pretendeu imprimir a fórma, não de uma placida discussão de principios e conveniencias, mas de uma agitação tumultuaria, e antes propria de revoluções.

Deu-se n'um desses dias um successo que não devemos roubar á historia. Um dos oradores mais importantes da situação, e que na camara dos deputados assumira papel conspicuo, dirigiu-se ao Paço, e depois de ter exposto ao Principe o estado das cousas e dos animos, disse-lhe estas palavras, insuspeitas na

boca de um cidadão propugnador strenuo das idéas mais liberaes (\*):

« Senhor! Acha-se, pois, em tanto risco a paz do Imperio como a causa da monarchia. Só um braço ha, que a ambas possa salvar: — é o de Vossa Magestade. Antevemos desde já um porvir de venturas, confiados a tão alta sabedoria. »

Nisto o prudente mancebo atalhou, perguntando:

« Pois será certo que, em pouco mais de quatorze annos de idade, possa haver sabedoria? »

Tambem por esses dias, outro, antigo e leal servidor, e desvelado amigo, varão a quem é devido em parte o amor do Principe ás letras, e no qual a circunspecção pede meças ao saber, ousou exprimir-se, pouco mais ou menos, desta fórma:

— « Acreditaes, Imperial Senhor, nas palavras de um subdito, a quem não move outro sentimento, que não seja o de amor ao seu paiz, e ao seu soberano. Esta voz não illudirá a V. M., seduzindo-o com um prospecto de venturas, no exercicio do poder. Governar homens é tarefa ardua em todos os tempos; perigosa nos que atravessamos. Ninguem melhor do que eu conhece a pureza de vossas intenções, a superioridade de vossa aptidão, a excellencia de vossa indole. A natureza deu muito a V. M.; mas ella não contraria suas leis, não lhe deu ainda tudo. A idade é immatura; tendes lido já muito, e muito aprendido, mas falta-vos folhear o mysterioso livro dos corações humanos. Esse conhecimento dos homens, essa experiencia, não são dotes innatos, infusos. V. M. observa o vigor insensato com que os governos são facilmente atacados; até hoje era impossivel traspasar o escudo para ferir a monarchia; mas qual será amanhã o alvo? Se o Governo de V. M. encallar nos mesmos escolhos, as circumstancias mudarão. O homem, sempre longe da infallibilidade, está della longissimo aos 14 annos, por mais que uma intelligencia privilegiada madrugue. V. M. tem forçosamente de servir-se dos nossos homens publicos, e poderá ser victima, como o hão sido os successivos governos, de actos em que seja innocente, de indisposições a que devera ser estranho. E estará o paiz sufficientemente organizado, moralizado, e tranquillo, para que

(\*) Ha, porém, nos procedimentos desse notavel cidadão alguns que muito o honram como homem politico. Diz-se que, estando em Santos, quando rebentou o 7 de Abril, e mandando-lhe ahi a Regencia a nomeação de Enviado em Londres, recusou aceitar, porque, desapprovando aquelle movimento, se não quizera incumbir da defesa de suas consequencias.

Com effeito, em 1840, já não eram as mesmas as suas idéas sobre *mudanças revolucionarias*, e por esse degrão subio ao poder, que porém logo em 23 de Março de 1841 teve de desamparar.

o tomar as redeas do Estado, em taes circumstancias, seja cousa facil? Ha seis annos, como hoje, se dizia que uma só providencia satisfaria completamente a nação; o *acto adicional* foi promulgado, e as circumstancias peioraram. Medite V. M. no passo que lhe aconselham; é de indefinido alcance para V. M., para sua dynastia, para a sorte do imperio. Curvar-me-hei aos acontecimentos, mas tenho cumprido um dever de subdito fiel! »

Assim era, em sentidos oppostos, tractada a mente do joven Imperador; e no emtanto ia a crise tomando maiores proporções. As discussões de ambas as camaras tornavam-se fogosas; as turbas precipitavam-se nas galerias, nos corredores, nas proximidades da casa dos deputados; uma certa coacção imperava nos animos. Os discursos mais violentos eram proferidos, e entusiasticamente applaudidos, sobretudo quando stygmatisavam o ministro, o regente, uma denominada camarilha. Debalde Bernardo Pereira de Vasconcellos pedia addiamento da materia; era desattendido: e na segunda camara já até se propunha a declaração da maioridade por acclamação.

Foi finalmente o dia 22 de Julho que pôz termo ás hesitações. E' summamente duvidoso que a maioria do parlamento, e muito mais a da nação, estivesse convencida da urgencia ou conveniencia da resolução; mas nos momentos criticos são muitas vezes omnipotentes as minorias resolutas.

Muitos deputados decidiram que se proclamasse a maioridade. Ficou essa Camara em sessão permanente; foi enviada della uma numerosa deputação ao Senado, que se partiu a pé, pelas ruas da cidade, ingrossando-se enormemente com ondas de povo, em vozerias, ao qual se veio depois juntar alguma força armada. Fundindo-se no Senado membros de ambas as camaras (isto é, fracções de uma, e de outra (\*)), resolveram mandar uma deputação de cinco senadores e tres deputados á presença de S. M., com uma representação, onde se lia que o addiamento das camaras, em taes circumstancias, era um insulto á Pessoa do Imperador, e uma traição ao paiz; e que para salvar a nação e o throno supplicavam a S. M. I. que tomasse desde logo o exercicio de suas altas attribuições.

(\*) Os signatarios da famosa acta, no dia 22 de Julho, foram apenas *cincoenta* no total; a maxima parte deputados, e raros senadores. Ora, só os deputados na legislatura de 1840 eram *cento e um* (e isso porque a Provincia de S. Pedro não estava então representada). Os senadores são ainda hoje *cincoenta e seis*; e portanto, passavam de *cento e cincoenta* os membros de ambas as camaras! Sendo *cincoenta* os signatarios, estes apenas representavam um terço do total. E' esta proporção que o art. 174 da constituição exige para simples proposição de reforma de artigo contitucional; proposição que ainda tem de ser submettida a largos tramites, e a subsequente legislatura!

Appresentando-se no Paço, leu o relator a representação; retirando-se depois, enquanto S. M. deliberava; e chegando no entretanto o regente, e um dos ministros, o regente, em presença da deputação, perguntou a S. M., se, em vista das circumstancias, queria tomar conta do governo. O Imperador, mui commovido, limitou-se ao monosyllabo: SIM!

Como o regente respondessê que ia immediatamente dar ordens para que a solemnidade se verificasse logo no seguinte domingo (era uma quartafeira), e alguém da deputação ponderasse a conveniencia de ser logo effectuada, perguntou de novo o regente ao Imperador, se queria já; em igual estado de commoção, foi lançado outro monosyllabo: JÁ! (\*)

Desde esse momento ficou o acto consummado. Os decretos de então, os vivas, as luminarias, as felicitações, os juramentos, tudo isso é subentendido.

Acabava incontestavelmente de se dar um profundo golpe na constituição do Estado! O seu artigo 121 (não derogado pela lei das reformas) diz: « O Imperador é menor até a idade de 18 annos completos. » O art. 174 marca os tramites de qualquer reforma de artigo constitucional, só possível por subsequente legislatura. O art. 178 diz que estes artigos constitucionaes, em que as legislaturas ordinarias não podem tocar, são os que dizem respeito aos limites, e attribuições dos poderes politicos, e aos direitos politicos e individuaes dos cidadãos. Reinar, governar e um direito politico, e individual, é entrar em exercicio de attribuições de poder politico. Logo, era aos 18 annos, que o Imperador tinha de governar; logo, para regularmente governar antes, era mister que, por tramites constitucionaes, em legislatura subsequente, a assembléa geral assim o resolvesse.

Não ha sophysmas com que se offusque a evidencia.

O espirito, sempre, e instinctivamente recto do Imperador assim lh'o persuadia. Nunca jámais até aquelles dias lhe tinha pela mente passado que houvesse de tomar o timão do Estado antes do prazo legal. Nunca, em seus mais intimos anhelos, desejou antecipar o dia de seu governo, porque a consciencia juvenil, mas profunda, lhe segredava a inconveniencia de tal acto, e por fórma tal. Porém ao joven monarcha desde logo coube a sorte de conhecer practicamente que o regimen representativo é o systema das transacções; julgou ver nos successos uma opinião arraigada no espirito público, e que não convinha contraria-la; accedeu.

(\*) Esta é a exacta verdade da scena, que por varios modos ha sido narrada.

Se, collocando-nos acima de todas as considerações, emittimos francamente nossa opinião, diremos comtudo, que as momentosas apprehensões dos amigos da monarchia, tacitos deplorando o que haviam considerado audacioso erro politico, não foram pelos successos justificadas. A tenra idade do Cesar não prejudicou a prudencia de seu governo :

*Cæsaribus virtus contigit ante diem.*

Eis ahi, pois, o Snr. D. Pedro II verdadeiramente sentado no seu throno, amado dos seus, respeitado dos estranhos, no pleno gozo de suas attribuições... e mui provavelmente do sceptro e estoque, poucos annos antes mandados entregar ao conselheiro thesoureiro-mór do thesouro nacional.

## VI.

Chegado é o dia em que verdadeiramente começa a reinar o Defensor Perpetuo e Imperador Constitucional do Brasil, Snr. D. Pedro II, que todavia só um anno depois (aos 18 de Julho de 1841) foi sagrado e coroado (\*). Consagremos agora estas linhas, antes de especificar mais successos, a estudar neste reinado os dotes do imperante, como soberano constitucional.

A monarchia, instituição amada de nossos avós, coeva da nossa

(\*) E pois que aqui consideramos o grande da terra, o Imperador, é lugar de indicarmos as ordens honoríficas que adornam o peito de S. M. o Snr. D. Pedro II de Alcantara João Carlos Leopoldo Salvador Bibiano Xavier de Paula Leocadio Miguel Gabriel Raphael Gonzaga :

Do Brasil : — Grão-mestre de todas as ordens (Cruzciro, Pedro I, Rosa, Christo, Aviz e Santiago).  
 Da Austria : — Grão-Cruz da Ordem de S. Estevão da Hungria.  
 Da Belgica : — " " Leopoldo.  
 Da Dinamarca : — " " Elephante.  
 Das Duas Sicilias : — " " S. Fernando, e S. Januario.  
 Da França : — " " Legião de Honra.  
 Da Grecia : — " " Salvador.  
 Da Hespanha : — Cavalleiro do Tosão de Ouro.  
 Da Hollanda : — Grão-Cruz da Ordem do Leão Neerlandez.  
 De Parma : — " " Imperial Angelica Constantiniana de S. Jorge de Parma.  
 De Portugal : — " " das Ordens da Conccição e Torre-Espada.  
 Da Prussia : — " " Aguia Negra.  
 Da Russia : — " " de todas as ordens.  
 Da Sardenha : — Cavalleiro da Ordem da Annunciada.  
 Da Suecia : — Grão-Cruz das Ordens da Estrella do Norte, e dos Scraphius.  
 Da Turquia : — " " da Ordem de Medjidié.

E' igualmente membro, ou Presidente Honorario, de muitas sociedades sabias estrangeiras.

soberania, e symbolo da nossa existencia politica, foi todavia, pelos tempos que se seguiram á independencia, subjeita a dolorosas provações, como o significou o 7 de Abril (se alguma cousa significou); mas qual tambem fosse o seu prestigio e poder, por consenso commum dos animos o 22 de Julho o patenteou.

Não ha duvida ; o throno se achava, desde 1840, profundamente radicado.

A missão primitiva fôra bem e nobremente desempenhada pelo primeiro Imperador, a da fundação do Estado, a da promulgação de suas instituições. Ao segundo Imperador cabia missão diversa, a da ordem, a do leal funcionar da complicada machina do systema representativo.

Que chefe de Estado houve jámais que em similhante gráu tomasse ao sério os deveres de seu cargo? Que assim embebido nas theorias do systema da constituição, tão exemplarmente praticasse todos os seus preceitos, e seguisse todas as suas indicações? Não ha um subdito no Imperio mais amante das liberdades publicas que o seu Imperador. E' d'elle esta honrosa phrase: « *Procuro comprehender e realisar a verdade do systema constitucional, a mais feliz concepção da razão moderna.* »

Se no seculo actual é a opinião rainha do mundo ; se no regimen representativo é nas maiorias que a razão se deve presupport ; o Imperador tem tomado por pharões a opinião, e as maiorias *bem definidas, e legitimas*. Como homem illustrado, deverá sem duvida ter idéas suas nos assumptos, que dividem os cidadãos em campos politicos vigorosos, militantes ; mas ninguem lh'as pôde nunca arrancar do intimo da mente ; fiel é esse, sempre a prumo, que não pende jámais para uma ou outra das conchas da balança. Honra-se com o seu titulo de primeiro representante da nação ; e não entenderia representa-la se jámais procedesse em opposição com o seu modo de ver as cousas publicas, expresso pela voz das verdadeiras maiorias. Não quer isto dizer que elle não tenha um partido ; deve ter ! tem ! o partido da constituição, que jurou, e que ama ; e quem diz *partido da constituição* exclue a possibilidade de idéas politicas monstruosas.

Quem desconhece que, nestes governos, são frequentes as mudanças de opinião popular? E nem sempre denotam estas evoluções versatilidade nos povos, quando até mesmo nos individuos essas mudanças, no parecer de Salomão, não raro significam sabedoria. Francklin, não considerando bastante democratica a constituição federal de 1788, disse, no momento de a jurar : « Se a não approvo

inteiramente, quem sabe se ainda um dia a approvarei? Na longa carreira que hei percorrido, tenho sido mais de uma vez obrigado, por força de convicção, a abjurar opiniões bem pronunciadas, bem reflectidas, e que eu suppunha bem fundadas. A' proporção que vou envelhecendo, mais disposto me acho a desconfiar de meu proprio juizo, e a respeitar cada vez mais a opinião dos outros. »

Quando, pois, se dão estas transformações na opinião, ou sinceras como as de Franklin, ou predispostas como tantas vezes, o rei que, como o Snr. D. Pedro, quer, póde, e sabe ser constitucional, segue suavissimamente essas evoluções do paiz. Por isso que gyra em esphera superior á das facções, por isso que é estranho aos combates e aos combatentes, nunca em taes lutas é elle vencedor, ou vencido, nem podem ser seus actos eivados de parcialidade. O sol é commum a todos, nem tem particularidade com este ou com aquelle.

E todavia, appressamo-nos aqui a declarar-o, esta fluctuação, que seus altos deveres aconselham, não está de forma alguma nas condições naturaes de seu character. As *mudanças reflectidas* de Franklin approva-as; mas está longe de desconhecer que a firmeza nos principios, e a coherencia na sua practica e applicação fazem parte dos grandes predicados do homem politico. Considera a volubilidade permanente um *verdadeiro suicidio* da razão. Já se vê que não póde agradar-lhe aquelle que por conveniencias de sua ambição *se muda em mais figuras que Proteio*. Como rei constitucional, porém, amolda-se a toda a transacção com as circumstancias, que a prudencia esclarecida lhe indica. Ninguem melhor conhece o mecanismo do systema representativo; o emprego, e natural contraposição das forças, as leis da dynamica constitucional.

Quando tem de proceder, em casos não ordinarios, medita e resolve, e acerta. Uma grande qualidade do seu animo lhe facilita este trabalho de intelligencia; é a que se revela nesta digna phrase, sahida de seus labios: « Quando tenho de resolver-me, consulto só a minha razão; e não me abala nem a lisonja, por mais insinuante, nem o vituperio, por mais ferino. »

E quereis saber quaes as columnas de Hercules, que o sabio monarcha tem cravado na sua intervenção na gerencia dos publicos negocios? Interrogando sobre este momentoso assumpto mais de um illustre cidadão, que tem tido parte nos conselhos da corôa, parece que um pensamento, e sentimento unanime foi gerado no espirito de todos. Um desses respondia assim:

« Os que têm servido nos conselhos do Imperador sabem até que

ponto é elle soberano constitucional. Deixa-lhes com a maior lealdade o que a constituição lhes dá; nada practica senão pelos seus ministros, nem ainda houve ministerio que lhe não merecesse inteira confiança; usa apenas da prerogativa pessoal que lhe confere a constituição; é sobrerolda dos ministros; e, como não é um automatho, e tem superior intelligencia, faz as observações que julga convenientes ao bem do Estado, sem coagir a vontade alheia (que é a responsavel), contra a qual tem o recurso constitucional, em caso extremo. »

Outro ex-ministro, e, como o anterior, fulgurante estrella do nosso firmamento politico, usava estas expressões:

« Não ha no Brasil quem mais acceite, e deseje ver realizado, em toda a sua verdade, e plenitude, o systema representativo, do que o Imperador. Soberano constitucional, elle se persuade que não é licito ao monarcha o que aliás se permite ao subdito; que as suas affeições não podem ser exclusivas; as suas vontades não podem ser impostas aos ministros responsaveis. Entende elle que o seu mais importante papel é o de protector geral, e juiz supremo nas grandes complicações politicas. Tem para si que a prudente reserva, a imparcialidade, a abstenção são condições essenciaes do sceptro que empunha. »

Por não alongar, supprimimos analogos juizos dos cidadãos mais competentes por sua illustração, e situações que hão occupado. Fundem-se todos nos que acabam de ser lidos.

E todavia cumpre ter a coragem de exprobrar um procedimento pouco digno, por alguns practicado, e que tende a crear uma opinião injusta, que importa contrastar. Como foi possivel ter-se espalhado a crença do que os illudidos denominam *governo pessoal*? Provém, unica, e exclusivamente de um facto, cuja qualificação deixamos ao senso publico. Tem-se tambem sentado nos conselhos do Imperador, raros sim, mas alguns homens, que não têm hesitado em inverter os preceitos constitucionaes; pois em vez de se interpoem como escudo ante a corôa, são elles que com a corôa se escudam! Seria isto uma vilania, ainda que fallassem verdade; mas que nome merece em lingua humana, sendo falso?! Esses taes, não querendo comprometter-se com as partes, invocavam o nome do Imperador em vão, insinuando intervenções do soberano nos mais insignificantes negocios! E no entanto esfregavam as mãos jubilosos de haverem poupado a si mesmos um inimigo, endossando-o ao Imperador, que nelles depositára confiança. Quasi algum desses mereceria que seu nome se estampasse em pelourinho; não o faremos... incumba-se dessa tarefa a consciencia publica.

Aqui mais que em outro algum lugar, porque este assumpto prende intimamente com a coisa publica, cumpre repetir que, collocado como estamos, em immensa distancia dos paços imperiaes, não tendo por obrigação do nosso officio de tractar habitualmente de perto com o Snr. D. Pedro II, era nosso direito louvarmo-nos na opinião de cavalheiros fidedignos e respeitaveis, e em posições mais avantajadas para bem deverem julgar. Tem *até hoje* sido possível explicar os successos do Brasil, na parte em que nasceram de impulso do Poder moderador, por considerações de alta sabedoria; mas não occultamos que essa posição é ouriçada de difficuldades. Excessos de virtudes ha, que podem vir a converter-se em defeitos. Occorrerão ás vezes situações, em que a assignatura imperial possa servir de escudo a quem pretenda converte-la em seu proveito proprio, ou de seus corrilhos. Grassa a opinião de que a melhor estrada para a direcção dos negocios é de uma certa hostilidade, antes que da leal dedicação aos principios da ordem, pela antecipada certeza de que nada ha que receiar dos homens de idéas conservadoras. Não estamos habilitados para apreciar quanto haja de inexacto em similhante insinuação; mas cordialmente desejamos crer, para honra do grande cidadão que rege os nossos destinos, que elle, segurando com mão cada vez mais firme o timão do Estado, não consentirá que em seu nome, e de sob o seu manto, se falseiem as condições de todo o governo, que aspira a estavel, sincero, e glorioso.

Eis ahi deixamos traçadas nossas idéas sobre o que seja o Snr. D. Pedro II, e sobre o que delle se espere como homem politico, e Imperador constitucional.

J. P. DE C.

(*Continua.*)



## ILHA DOS AÇORES.

### ASCENÇÃO AO GRANDE PICO, NA ILHA DESTE NOME.

A ilha do Pico, nos Açores, tomou nome da montanha mais elevada de todo o archipelago. (2,222 metros sobre o nível do mar).

A sua fôrma é muito irregular. Arredondada e larga na parte oes-nor-oeste, é estreita na de es-su-este. Da ponta mais occidental, a da Magdalena, á mais oriental, chamada da Ilha, contam perto de 25 milhas. Na sua maior largura, de norte a sul, tem 8 milhas e meia, e duas milhas e meia na parte mais estreita. A sua direcção principal é de oes-nor-oeste para es-su-este.

A parte occidental da ilha é a mais elevada, ainda que toda ella seja alta. A montanha chamada o Pico, tão notavel que occupa quasi toda a parte oeste da ilha, é de fôrma conica, quasi regular, troncada perto do cume, como por uma linha recta horizontal, levemente inclinada para leste, e sobreposta com um appendice conico mui agudo.

Os flancos da montanha desde a base até meia altura eram, ainda não ha muitos annos, e por ventura ainda o virão a ser, cobertos de vinhas: acima d'estas ha uma zona de arbustos até tres quartos da altura total: a parte superior do pico é toda rocha, aqui e ali, coberta de herva rasteira.

Situado no meio do oceano Atlantico, o cume deste pico já mais de uma vez foi propoſto para ser o primeiro meridiano de longitude. Se Cagigal fallou com conhecimento de facto, é visivel a distancia de 126 milhas.

A ilha do Pico é fronteira á do Fayal. Separa-as um estreito canal. Na estação das vendimas quasi todo o Fayal se despoeva para residir no Pico, uns para trabalharem, outros para gozarem do repouso campestre. Não ha ali porto accessivel a embarcações de maior lote, e por isso o commercio dos vinhos se faz por intermedio da ilha do Fayal, cujo nome tomam.

Muito d'elle era outr'ora exportado para as Oest-Indias, Estados-Unidos, etc.

A ilha do Pico é inteiramente composta de lava, e coberta de tão ligeiro solo, que de fora carregam terra até para a plantação da vinha, que parece requerer tão pouca, que, mal introduz as raízes pelas fendas dos rochedos, cresce luxuriantemente.

E' penível a ascensão ao cume da montanha, mas sobejamente compensada com a singular, magestosa e indelevel impressão que deixa no espirito. Geralmente só viajantes e curiosos estrangeiros a tem empheendido. Realisou-a G. Heriot, realisaram-na os Dabneys, os Bullars, Morelet, etc.

Os mezes de verão, com os dias maiores, são os mais convenientes para a ascensão.

Chega-se á villa da Magdalena. Ao amanhecer de um bello dia de Julho cavalga-se n'um burro vigoroso, e parte-se em companhia d'um guia, e d'um criado que leva provisões para uma jornada em região erma, e que pôde durar dous dias, se sobrevier algum contratempo.

O caminho que se leva é escabroso, atravez das vinhas que guardam os declives inferiores da ilha, plantações que estão divididas por muros insossos (de pedra secca) em pequenos compartimentos, para abrigo dos ventos oeste e noroeste. Tudo isto a certa distancia parece uma só massa cinzenta de aspecto triste e monotono.

A legua e meia da costa começa a desaparecer a cultura: entretanto ainda se vêem alguns magros campos de milho e inhames (arum colocasia) encerrados nos rochedos. O solo, sempre pedregoso, mostra-se agora mais accidentado, e começa a cobrir-se de bella vegetação espontanea, composta principalmente de myricas, de vaccinium e de estevas. A' borda da estrada apparece o bello *rubus*, de grandes flores, proprio daquella ilha, onde tem claramente traçado o seu limite.

A região a que se chega, na elevação de cerca de 700 metros, é infinitamente pittoresca: refrescada por abundantes orvalhos, entrecortada de bosques, offerece sitios de aspecto tão gracioso e romantico, que só elles podem dar idéa do character primitivo do territorio dos Açores.

Aos arvoredos seguem-se as pastagens montanhosas, aqui e ali matizadas de urzes arborescentes, cuja coma achatada as arredonda em massas d'um verde louro.

A maior parte das plantas peculiares da ilha encontram-se nesta altura: taes são os *tolpis*, os *microderis* de folhas largas e lustrosas, a *euphrazia grandiflora*, a *bellis-azorica*, numerosas especies de fetos, e uma grande variedade de *carex*.

E' nesta região, e a esta hora, que os vapores que commumente até ali tem envolto e encoberto à vista a montanha, começam a dissipar-se e deixam patente um espectáculo de imponente grandeza, que raramente se goza desde a costa, porque o espaço intermediario está quasi sempre coberto pelos nevoeiros.

Pouco a pouco as inclinações que se sobem se desguarnecem de arbustos, e o solo se estende em grandes, monotonas ondulações.

Encontram-se ás vezes rebanhos de carneiros como perdidos naquellas elevadas pastagens, onde a humidade mantém verdura continua.

Cerca das nove horas da manhã chega-se á base do cone da montanha, onde reaparece a vegetação das *myrsineas*, das *vaccinium*, das urzes, misturadas com a mais desbotada verdura dos zimbros. Se se contemplam os arduos declives da montanha, calcula-se que muito é o que ainda falta a vencer para chegar ao cume: entretanto com mais quatro horas de marcha termina a ascensão.

Aqui é boa estação para almoçar: aqui se deixam as cavalgadas que não podem ir além: aqui se pôde dizer que começa a parte laboriosa da empresa.

Com passo igual e inalteravel vai adiante o guia, seguindo imperturbavelmente a vereda, sem se preocupar dos obstaculos que encontra o viajante que o segue, com os pés envoltos em sandalias de couro de capro, e o corpo apoiado n'uma vara de encontro ferreo.

No fim de uma hora é preciso parar e tomar folego. As nuvens tem descido, e estão amontoadas sobre os planos inferiores da ilha: só o pico banhado por uma onda de luz solar sobrepuja a massa nebulosa e se ergue magestosamente sobre nossas cabeças. Brisas frescas vem de tempo a tempo romper a cortina de vapores, e deixar ver o contorno longinquo das montanhas.

Mais uma hora passada, e nova alta. Sente-se já a fadiga: a respiração tornou-se precipitada; as pernas perderam a elasticidade. Nesta casta de ascensões o ponto essencial é escolher terreno firme, mas nem sempre se tem essa possibilidade ou liberdade. Nos declives do pico a marcha é frequentemente obstruida pela vegetação escorregadia dos tomilhos, ou escorias movediças, e quasi sempre fataes ao equilibrio. E' commum nos guias, quando receiam os nevoeiros, marcarem de longe em longe o caminho, amontoando pedras, ou arrancando moitas de urze, que deixam bem patentes sobre os rochedos. Muitos pequenos cones volcanicos de côr avermelhada se separam aqui e ali dos flancos da montanha.

Na terceira paragem muitos viajantes ha que já se estendem no chão sem movimento. Se a brisa carregada de emanações balsamicas não vem reanima-los, percam a esperança de triumpho. Nesta elevação de perto de 5,000 pés já tudo está coberto de escorias. Já se não ouve o canto do passaro, mas, quando muito, o zumbido do insecto. Uma especie de borboleta brava surge das anfractuosidades, e depois de vôo inquieto vae esconder-se debaixo das pedras. Nenhuma outra coisa animada vive em tão altas solidões. A ascensão vae-se tornando cada vez mais penivel; as paragens são mais frequentes. Um ultimo esforço, emfim, conduz ás bordas do volcão, d'onde se lhe domina a cratera, vasta e plana cavidade, mediocrementemente profunda, e com paredes esbroadas em muitos pontos. Do fundo mesmo della, do lado do norte, se eleva novo cone de fórma pyramidal, e de perto de 100 metros de altura. Desappareceu aqui a vegetação. excepto a dos musgos, que marmorisam os rochedos em manchas irregulares.

E' um espectaculo desolador, que faz lembrar o quinto circulo do inferno em que Dante põe a terrivel cidade de *Dito* :

« Noi pur giugnemmo dentro all' alte fosse  
 « Che vallan quella terra sconsolata ;  
 « Le mura mi pareo che ferro fosse. »

Ninguém póde fugir nestes lugares a alguns instantes de silenciosa contemplação. Depois desce-se a encosta até ao fundo da cratera, e conjuram-se novas forças para completar o fim da jornada, com a ultima ascensão do pão de assucar. Para esta não é preciso guia. O termo é bem visivel, e ninguem póde perder-se no caminho. O que se trata é de escalar a massa de lava que fórma este cone de erupção, com bastante destreza e prudencia para evitar o perigo da queda. No fim de dez minutos chega-se ao cume, com a satisfação que acompanha o termo de uma empresa ardua ou difficil. Esta ultima corôa é de extensão limitada, herissada de lavas duras e escamosas, que para o norte deixam escapar pelas fendas alguns vapores. Só tres plantas vegetam nesta encosta : o agrostis, o tomilho e a urze. Esta (*calluna vulgaris*) apparece até no cimo, ao lado da pequena pyramide levantada por curiosos, alguns Inglezes, talvez, grandes amadores de picos, ou habitantes das ilhas visinhas.

O que a alma experimenta nesta elevação, quando a vista se estende em torno, auxiliada pela luz d'um sol esplendido, é mais para sentir que descrever. Avistam-se muitas das ilhas circumvisinhas, e ás vezes mesmo a ilha de S. Miguel, a mais oriental do archipe-

lago. A propria ilha do Pico, vista d'aqui, não se apresenta menos singular nem menos romantica. Para o lado de leste jazem muitos volcões extinctos, mas algumas das crateras estão já cobertas de vegetação.

Depois de meia hora de repouso, emprehende-se a descida sobre a base da montanha, desandando o mesmo caminho seguido na ascensão.

Ai do que quizer planear nova derrota para aproveitar um esboamento que ha n'um dos lados da cratera, e que facilita sahida mais commoda! Este desvio pôde ter tristes resultados, multiplicando a fadiga, e obrigando a passar a noite seguinte na incommoda solidão do pico. E' preciso acautellar de que tendo sido a subida pelo sudoeste, não se desça para leste, direcção que se antolha mais commoda, porque em vão se procurara ganhar no mesmo dia o intervallo entre a nova direcção e o caminho da manhã.

Por este lado de leste ha um grande e immenso lençol de cinzas volcanicas, que desde o cimo da montanha se prolongam até á base: expõe-se a grandes penas quem se vê obrigado a atravessal-as. O pizo é incerto; aquellas materias seccas estão accumuladas sem cohesão, e o abalo que nellas produz o pé do homem propaga-se de mais em mais, e produz tenerosas avalanches. Enormes massas de rochas chegam por esta causa, á primeira vista tão fraca, a desprenderem-se das alturas, e a ameaçarem perigos.

Além destas escorias moveiças, com ar de profunda desolação, estão arvoredos pouco elevados, mas espessos, que offerecem novas difficuldades. Ali, na profundidade dos bosques, quem procurar achará a bella especie de euphorbio, a que o seu descobridor Watson deu o nome de *Stygiana*.

Os vapores que sobem das regiões inferiores da ilha acabam quasi sempre áquellas horas por se resolverem em chuva fina e penetrante. Então é preciso acampar, e appellar para a marcha do outro dia. A' ravina succede-se outra ravina, ao bosque outro bosque, á colina outra colina, e o aspecto dos lugares não promette mudança. Ouve-se ao longe, através do nevoeiro, o mugir cadente do oceano na costa do sul; e grande é a distancia a percorrer ainda para attingir o lugar da partida. E' recorrer a um bosque, e procurar nelle refugio para a noite, n'alguma palhoça abandonada pelos pastores. Por mais curta que a noite seja, por mais ameno que pareça o tempo, sente-se sempre, depois de tamanha fadiga, que a noite é longa e fria. Difficilmente fecharão olhos, mas gosarão do repouso dos membros, o que será já grande bem.

Quando apontar o dia é recommençar logo a maré. Acompanha-a então o canto matutino dos passaros, o bálido dos rebanhos, o murmurio longinquo do Atlantico que banha a costa cinzenta e uniforme, sobre que mal branqueam algumas habitações.

Vem depois os primeiros raios do sol projectar a gigantesca sombra do pico sobre a massa dos vapores que se remontam lentamente. Descobre-se enfim toda a terra, entrevê-se o canal do Fayal, as alturas d'esta ilha, e a cidade da Horta com seus edificios e campanarios.

Continuando no contorno da montanha, através de pastagens accidentadas, matizadas de *eryca* e fetos, o mugido e chocalhos das vaccas annunciam que se entra em menos solitaria região, com o que mil impressões gratas succedem ás peniveis impressões do dia antecedente.

Quando se chega a descobrir toda a parte occidental da ilha, jazendo por assim dizer a nossos pés; quando muitos cimos volcanicos desenhão sombras firmes nesta paizagem, cujos planos mais distantes se confundem n'um horizonte vaporoso; quando no limite das terras se distinguem as paredes brancas da villa da Magdalena, os dois ilheus fronteiros que tem o mesmo nome, e depois a magnifica perspectiva da ilha do Fayal, cujas alturas pittorescas dominam o oceano; então tem-se chegado ao ponto d'onde na vespera se partiu, e onde se encontrarão immoveis no seu posto, onde passaram a noite, o arriero e a cavalgada. Tres horas depois, com uma copiosa colheita de indeleveis sensações, entra-se na villa da Magdalena, onde nos esperam interminaveis interrogações, e parabens dos amigos.

JOSÉ DE TORRES.



## OS PAIOS.

### I.

**L**EMBREI-ME agora mesmo daquella celebre *Sganarelle*, que Molière dotára de uma ingenuidade mais natural no enfermo que recorre á medicina, do que no medico chamado para cural-o.

Devem recordar-se, os que conhecem o sarcástico pae e o candido filho, da interrogação em que este revella toda a sua innocencia :

« Mais, messieurs, dites-moi: ne vous trompez-vous pas vous-mêmes? Est'il bien vrai que je sois mèdecin? »

Se nos solliloquios fossem admittidas as interrogações, muitos doutores fariam a si proprios a mesma pergunta, quando lutam com difficuldades que a sciencia não pôde vencer. Eu mesmo perguntaria agora : « Será verdade que eu seja phylosopho? »

A solidão em que estou neste momento poupava-me o perigo da resposta affirmativa : mas confesso que me inquieta a desconfiança.

Ha occasiões em que, esquecido completamente do mundo, encolho-me, metto-me todo dentro de mim, e começo a pensár em cousas que nem ao diabo lembram !

Se isto é ser phylosopho, ou maniaco, é questão que não posso decidir.

Ainda heide consultar a synonymia a este respeito.

Ora, é verdade que me domina uma inclinação muito pronunciada para o mestre *Boileau*, e elle diz :

« Avant donc que d'écrire apprenez à penser. »

Mas se eu pensasse unicamente por obediencia a este judicioso preceito, em bem pouco se fundaria a minha gloria futura.

Não sou pensador de profissão, quero dizer, não aprendi a pensar; penso por curiosidade, nas horas vagas, e sem a intenção de seguir o conselho do author do *Lutrin*.

E como sou grande e magestoso nestes instantes de meditação profunda!

Os sobr'olhos descem espontaneamente, ou cedem ao peso das idéas que passeiam cá por cima: os labios dilatam-se como se fossem de borracha, o que não passa de hypothese; a habitação torna-se exigua para a marcha a que me entrego, mais violenta que a do recruta em exercicio, e depois penso... penso... penso... até chegar a convencer-me de que não penso cousa alguma!

E' horrivel!...

Achava-me eu hontem neste bello estado, quando uma surpresa maravilhosa me deteve os passos, sem comtudo me distrahir a imaginação.

Um espelho me appareceu em frente, quando menos o esperava, e exactamente no lugar onde eu o tinha collocado!... E' pasmoso!...

Parando, perguntei com emphase:

« Quem é o povo? »

Era a idéa fixa, e a expansão foi sincera, mas inutil, porque não ouvi resposta. E' o que succede a quem se mette a fallar com pessoas desconhecidas.

Mas perdoêmos a descortesia, e phylosophemos um pouco sobre o caso.

Desde creança que eu ouço fallar do povo, a quem se attribuem cousas extraordinarias, e ainda hoje não tenho pejo de confessar que não sei quem é o povo.

Ha uma grande commoção popular: misturam-se, como hão-de misturar-se no valle de Josaphat, todas as classes de que a sociedade se compõe, se é que a sociedade não é a cousa mais descomposta deste mundo. A multidão é immensa; os individuos, dispersos, reúnem-se em numerosos grupos, e discutem calorosamente sobre o successo.

Vamos escutar o que dizem:

« Quem fez isto? » — Foi o povo.

« Quem disse aquillo? » — Foi o povo.

Nada mais é preciso. Estas duas perguntas com duas respostas são os quatro pés em que devemos montar o nosso raciocinio, para caminhar mais depressa ao fim proposto.

Avante.

Se esses grupos são compostos de individuos de todas as classes, e até de alguns inclassificaveis; se a essas interrogações não ha quem responda: « Fomos nós » — é claro, é logico e evidentissimo que está ali toda a gente, menos o povo.

Parece-me que estou já vendo todos os meus leitores, serios e cabisbaixos, procurando a resolução do problema, mais difficil neste momento em que os domina a admiração pela minha phylosophica idéa.

O caso não é para menos, tenham paciencia. Tambem eu, profundamente embebido nesta meditação, pergunto: « Quem é o povo? »

E o écho ao longe responde: « É o povo. »

Pois seja, e fiquemos nisso.

O que é fóra de toda a duvida é que a essa entidade invisivel pertence sempre a iniciativa em tudo o que é grande.

O povo faz deputados e ministros; o povo fecha parlamentos e derriba ministerios; o povo defende a patria com denodo contra invasões estrangeiras; o povo corre a patria a pontapés, illudido pelos ambiciosos; o povo finalmente faz tudo *e otras cosas mas*.

Até os philologos são poderosamente auxiliados pelo povo. Cantam-se no estudo das linguas: trabalham para augmentar-lhes o valor e levam o seu desejo de enriquecêl-as a ponto de cravarem nos seus adereços de brillantes proprios a mais extravagante variedade de pedras falsas alheias. Já, por causa disto, disse Francisco Rodrigues Lobo que « sendo a nossa lingua de muito bom metal, lhe misturam tanta liga, que perde muito de seus quilates. »

O povo, porém, que não conhece Lobos nem philologos, inventa, para designar certas cousas e pessoas, vocabulos que elles desconhecem, e a que, muitas vezes, não descobrem a origem. Esses termos, facilmente adoptados na linguagem commum, não são desprezados pelos eruditos, e lá apparecem mais tarde nos dictionarios, sanccionados pela reputação de authores conhecidos. O povo tem destas cousas.

## II.

Vêdes aquella dama, vestida com tanto primor, e languidamente recostada sobre a fôfa almofada de um bom carro, tirado por magnifica parelha de cavallos?

Tanto luxo, tanta riqueza, apparencias tão seductoras, não podem deixar de provocar a curiosidade.

Quem é?... — Foi.

Aquelle sorriso que lhe esvoaça nos labios vale mais que o da timida donzella. Como a flôr que desabrocha, tocada pelos raios do

sof, e alimentada pela seiva que lhe vem da raiz, o sorriso desta revela apenas a prodigalidade da natureza. O daquella vem attestar-nos a assiduidade do estudo, emprego altamente louvavel na juventude.

Não é da terra inculta que auferimos o goso que nos adoça a existencia. Os labios nascem, e o sorriso faz-se.

Foi ainda a natureza que deu á virgem recatada esses olhos languidos que ella fixa indistinctamente sobre quantos a rodeiam: cego por aquella fascinadora luz, não admira que um rapaz ardente e sensível vá esbarrar-se nas escabrosidades do Parnaso, expondo-se ás gargalhadas do publico, sempre inexoravel contra os rimados fructos dessas inspirações que o vulgo não comprehende. Paciencia.

Não succede outro tanto com a nossa dama. Embora, por ter visto muito, mostre em seus olhos a mesma languidez, sabe ao menos ser providente; conhece o perigo da fascinação, e, compassiva para com o proximo, não despede os seus olhares sobre qualquer *pobre* mancebo que lhe depare o accaso.

Para cevar o natural desejo de ver, não lhe faltam bustos, cuja dourada apparencia lhe assegure o triumpho, sem arriscar-se ás scenas patheticas a que o amor obriga os seus adeptos.

O amor é cego, e ella vê perfeitamente.

Esta interessante dama apparece em todos os lugares onde é numerosa a concurrencia; falla com todos, torna-se para todos notavel pela jovialidade.

Os poetas chamam-lhe borboleta, porque os poetas andam sempre divagando no reino da lua; se caminhassem ás escuras, como eu, veriam melhor, chamar-lhe hiam flôr, e seriam, por consequencia, mais verdadeiros.

Soubesse eu latim, não me escaparia aqui o texto: *Quis potest capere, capiat.*

Mas, agora me lembro de que deixei a dama no carro á nossa espera. Tratemos della.

E' marquezia? — Nem sophá.

E' condessa? — Nem canastra.

E' proprietaria? — Nem inquilina.

Então quem é? — Foi.

## III.

|  |          |
|--|----------|
| Oh! Que bello e elegante mancebo!      |          |
| Paletot còr de flôr de alecrim .       | 50\$000  |
| Calça e collete de casimira rôxa       | 30\$000  |
| Botins envernizados, com laços de fita | 16\$000  |
| Gravata de setim verde                 | 5\$000   |
| Alfinete com brilhantes                | 200\$000 |
| Chapéu .                               | 12\$000  |
| Chicotinho                             | 6\$500   |
| Luvras de pellica branca .             | 3\$000   |
| Círe á mustache                        | 320      |
|  | <hr/>    |
| Vale S. S. neste momento               | 322\$820 |

Como se chama?

Eis ali uma pergunta a que difficilmente se responderá.

Podem conhecer-se pelas feições um Antonio José, um Francisco Joaquim ou um Manoel João: raras vezes, porém, assenta uma cara dessas sobre tão aperfeiçoado tronco.

Mas se todo o homem deve chamar-se alguma cousa, embora não seja cousa alguma, procuremos tirar dos indícios uma deducção logica.

Em um dos lados do carro figuram tres iniciaes, que designam, certamente, o nome da bella dama que attrahiu a nossa attenção: sobre essas letras, onde brillaria uma corôa, se houvesse aristocracia em todas as classes, vê-se que o pintor foi levado por um capricho de artista á difficil tentativa de imitar o sol: o carro parou á ordem do feliz mancebo. Não ha que duvidar — chama-se Josué.

Vêde o meigo desdem com que a encantadora nympha lhe estende a delicada mão, e o ardor com que elle a apertaria se a maldita luva deixasse livre o movimento dos dedos!

Tem lugar ali um dos taes sorrisos significativos: nem para outra cousa elles servem.

Na expressão da physionomia do ditoso mortal, vejo eu a ternura que lhe inunda o coração. O padre *Lavater* talvez quizesse, pelo mesmo signal, conhecer o que lá vae pelo interior da cabeça, que elle voltou agora para um dos lados da rua, seguindo os movimentos daquella cujos encantos o fascinam. E' effeito do magnetismo.

Como é lindo, e rico, aquelle corte de vestido que estão analysando através da vidraça da loja!... Deve ser de grande custo!

Um pobre encontra ali motivo para sérias considerações sobre a decadencia produzida pelo luxo, e passa adiante, tremulo e horripolado !...

Mas o carro segue o seu destino, e o louro Adonis entra na loja onde lhe fôra apontado o vestido tentador. Deixemos caminhar a dama, obedecendo aos seus instinctos napoleonicos, em quanto o previdente mancebo se entrega aos cuidados domesticos.

Será marido? — Della, não.

Será irmão? — Nem primo.

Deve ser parente. — E' paió.

#### IV.

Dá-se com todos os climas, e é fertilissima em variadas especies esta raça de pacificos animaes. A mais conhecida, e mais vulgarmente designada pelo nome symbolico, é essa de que apresentei a amostra; existem, porém, outras muito dignas de especial menção, pela singularidade que as caracteriza.

Com quanto tenha cada especie a sua feição peculiar, domesticam-se facilmente todas, quando haja discrição na escolha dos meios. Para aquella, os vellados, os sorrisos, as perolas, os desdens, a fê, a esperança e a caridade. Para esta, de que vou dar um mimoso specimen, é o elogio a melhor isca.

Pegam-lhe com uma facilidade espantosa, inda mesmo salgado pela ironia, a que é insensivel o seu paladar, e, uma vez cahidos na ratoeira, são mansos como cordeiros, e offerecem ao domador momentos de impagavel distracção.

Cá está um.

Pobre rapaz, como vae carregado !... O maço de papeis que leva debaixo de um braço, falla mais claro do que um prologo. São jornaes francezes e inglezes, segundo se vê dos letreiros, cuidadosamente dispostos para serem lidos de longe. Não foi para outra cousa que se inventarã as letras maiusculas.

Em cada uma das mãos dous livros, que elle segura com cautella: se lhe escapam dos dedos não param senão em casa do encadernador. Cada qual vae onde lhe è preciso.

Os olhos pregados no chão, e o chão a fugir-lhe dos olhos; os labios em movimento, e as idéas rebeldes á sabida, talvez por lhes não ter sido aberta a porta da entrada.

Aquelle ar meditabundo; aquelle andar pausado e pouco seguro;

aquelle desalinho difficil, tudo revela um homem superior. É a *philosophia* de botas e casaca, e só com esse titulo poderá subtrahir-se ás impertinencias da policia.

Parou agora junto de um grupo: encostou-se á parede, e parece disposto a conversar largamente.

Que significarão aquelles maliciosos sorrisos dos interlocutores?

Vamos ver,

Versa a conversação sobre a litteratura,

*E nem era de esperar que o tal sujeito  
Procedesse jámais d'outra maneira.*

Oucamol-o :

« No meu paiz não se *aprecia* o genio! Fadou-me Deos com a  
« maldita vocação das letras, e não posso resistir-lhe. E quantos  
« sacrificios me custa!... Nesta minha cabeça fervem as idéas em  
« cachão, e a penna não tem tempo para lançal-as ao papel. Melhor  
« será assim, porque ninguém me comprehenderia. O mundo não  
« foi feito para nós.

« A minha vida é ler e escrever; mas não sei contar. Tenho  
« analysado profundamente todas as producções dos mais afamados  
« authors, e é pena que eu não possa dar á luz o fructo dos meus  
« trabalhos litterarios!

« Tive a paciencia de ler, de fio a pavio, todas as engraçadas  
« comedias de Joaquim Antonio Chateaubriand, o mais espirituoso  
« fabulista do seculo IX.

« Passei depois á leitura das obras do grande Domingos Molière,  
« começando pelo *Genio do Christianismo*, drama de costumes em  
« cinco actos e tres prologos. Que maravilhosas scenas! Que phan-  
« tasticas peripecias! Mas ha ali o cunho do genio, que nem sempre  
« se sujeita ás regras. Eu julgo por mim. Entretanto, como verda-  
« deiro critico, não pude deixar de notar-lhe horriveis defeitos!...

« Figuram no *mise en scene* certas personagens invisiveis, cujos  
« discursos estão em manifesta contradicção com as suas fallas.

« A introduccão de immensos gallicismos inglezes é desculpavel,  
« porque Molière lia constantemente os escriptos de Martinez de la  
« Rosa, e resente-se dessa leitura.

« Lamento que os senhores não tenham lido tanto como eu, para  
« poderem entrar na discussão: hão de perdoar-me, não posso,  
« nem sei fallar de outras cousas.

Li e comentei a *Jerusalem Libertada*, por Garibaldi; as *Me-  
morias* de Torquato Tasso; o *Paraizo Perdido*, de Adam Smith:

« a *Economia Politica*, de Milton; as *Vespas* de Racine; a *Religião*  
 « de Affonso Carro, o primeiro poeta lyrico do meio-dia da Alle-  
 « manha, etc., etc., etc., e outras muitas obras de que tomei  
 « nota. Se eu tivesse dinheiro publicaria já as minhas obras pos-  
 « thumas, e faria uma *revulsão* na litteratura. »

Agora, que o escutaram, classifiquem-o, se o podem. Buffon dava-se por vencido.

Pois pertence á familia, com toda a certeza.

Como se chama?

Deve ser *Belchior*, a julgarmos pelo modo como tem armazenada a sua pasmosa erudição.

*Mas elles tem desculpa; a negra fome  
 Os miseros mortaes a mais obriga:  
 Sem saber o que escrevem, escrevendo,  
 Buscam della o remedio, e como logram  
 Os fins dos seus intentos, o que escrevem,  
 Seja ou não Portuguez, isso que monta?  
 Quem desculpa não tem, nem a merece,  
 E' quem vedar-lh'o deve, e não lh'o veda.  
 Mas por'ora deixemos estas cousas,  
 Que o mundo corrigir a nós não toca.*

Que lugar occupará entre os homens de letras?

Será jornalista? — Nem jornaleiro.

Será romancista? — Nem *folhinhista*.

Então que é? — E' *paio*.

## V.

Seria fastidiosa a continuação de exemplos. Ha *paio*s em todas as classes, e pela parelha que eu trouxe á feira é facil julgar todos os outros. A gloria de decobril-os no meio da multidão deixo-a aos meus leitores, e desejo sinceramente que a nenhum delles sirva de auxilio o espelho.

Mas eu disse no principio desta obra grandiosa que o povo coadjuva poderosamente os philologos. E' necessario adduzir provas; vamos a isso.

Todos os dictionarios antigos nos dizem que a palavra « *paio* » significa, pouco mais ou menos, carne ensaccada; mas o povo, designando por este vocabulo certos individuos, augmentou a syno-

nimia, e já o Snr. Perestrello da Camara diz, na sua *Collecção de proverbios, adagios, rifões, anaxins, etc., etc.*, publicada no Rio de Janeiro, o seguinte :

F. é um *paio*. (Estupido, ignorante, lorpa, nescio, pateta.)

Alto lá, Snrs. eruditos, não me interrompam na melhor occasião. Não accusem o Snr. Perestrello por ter adoptado esse termo na accepção que o povo lhe dá. Eu creio que fez muito bem, porque a applicação é justissima.

Se o *paio* é carne ensaccada em uma pelle, o homem estupido, ignorante, lorpa, nescio e pateta, é exactamente a mesma cousa, e por conseguinte, é *paio*.

E' possivel que os philologos neguem a exactidão da analogia, pela falta do atilho que segura a carne ensaccada dentro da pelle; mas o povo, que dá sempre a razão de seu dito, responderá triumphantemente, indicando a gravata no pescoço do *paio* vivo.

F. X. DE NOVAES.

## CORRESPONDENCIA.

Porto, 10 de Setembro de 1862.

Meu caro irmão.

Quem diria que a amizade que a ti me prende, desde creança, viria um dia a ser nociva aos leitores de um teu periodico?... E é, comtudo, uma grande verdade.

Esta pagina que, a rogos teus, vou inutilisar com o meu pobre nome, não podia offerecer aos assignantes do *Futuro* mais proficuos e sasonados fructos da imaginação de tantos desses collaboradores, cujos nomes vejo estampados no teu programma? Podia, de certo. E porque me não recusei eu, que tanto desejo a prosperidade desse periodico? E como pudeste tu, que igualmente lhe ambionas longa e gloriosa existencia, exigir de mim um sopro de vida para elle? Illudiu-te a amizade fraternal, e foi ella tambem que me roubou a coragem para resistir.

Estão, pois, os teus leitores condemnados a supportar-me, e eu, que reconheço a minha insufficiencia, disposto ao sacrificio, para obedecer-te.

Dar-te-hei uma ligeira noticia dos acontecimentos que possam. directa ou indirectamente, interessar os assignantes do *Futuro*. Não fallarei de politica, por ser manjar de que não pude ainda apreciar o delicado sabor; nem tão pouco me intrometterei em questões commerciaes, porque, entregue desde creança, como sabes, á cultura das Bellas-Artes, não pude comprehender ainda o fluxo e refluxo desse grande oceano de cifras, precisar a causa das differentes marés dos cambios, nem cotejar os preços dos nossos productos com aquelles por que se vende em outros paizes, e inferir desta ou daquella especulação, positivos ou negativos resultados.

Já vês que muito escassa é aqui a materia para entreter uma correspondencia mensal; — ainda bem que para a encetar não me escassêa o assumpto.

Vou dizer-te alguma cousa da corveta — IMPERIAL MARINHEIRO —, que entrou a nossa barra na tarde de 27 do mez passado. Apesar da pouca tendencia que tenho para a marinha, tão pouca que não posso ir á Foz embarcado sem sentir enjôos ao passar as *desoito braças*, armei-me de coragem, e atravessei o Douro, em frente de Massarellos, onde se achava ancorado aquelle lindo barco.

A limpeza, boa ordem e asseio que se notava nas mais pequenas cousas, atrahiram a attenção de innumerous visitantes, e penso que nem um só deixou de vir para terra penhorado pelas distinctas e obsequiadoras maneiras com que toda a officialidade porfiava em tornar-se credora das sympathias geraes. E bem o conseguiram. Tu, meu Faustino, que tão grato te confessas a esse hospitaleiro paiz, folgarás de saber da fraternidade com que os nossos patricios receberam de braços abertos a guarnição da IMPERIAL MARINHEIRO: o seu itinerario não lhe concedia de demora no nosso porto mais de oito dias, e com effeito no dia 4 do corrente, lá foi mar em fóra essa elegante embarcação, que vimos partir com saudade! Oito dias! Foi pouco para os nossos desejos; mas bastante para apreciarmos as bellas qualidades e fina educação daquelles excellentes rapazes.

N'um *lunch* que a bordo foi offerecido pela officialidade a algumas familias do seu conhecimento, entre as quaes havia grande numero de senhoras, foram entusiasticamente saudados os dous sympathicos Monarchas, *D. Pedro II* e *D. Luiz I*. E' para lamentar que nestas occasiões appareçam sempre parasitas que abusam da franqueza dos cavalheiros, que os não conhecem, praticando acções que seriam pouco lisongeiras para nós, se elles não tivessem a infelicidade de se denuuciarem logo ao bom senso de quem os observa,

como membros dessa raça inextinguível que apparece em toda a parte.

O *basar*, ou leilão de prendas, offerecidas pelas senhoras desta Cidade, e cujo producto deve reverter em favor das obras do monumento promovido pelos artistas portuenses ao sempre chorado Rei *D. Pedro V*, realisou-se no Jardim de S. Lasaro, nas duas ultimas noites de Agosto, e duas primeiras de Setembro, sendo rematados alguns dos objectos por elevados preços, no meio de extraordinaria concorrência. Merece louvor o infatigavel empenho com que os artistas tratam de levar á evidencia este monumento de gratidão ao grande Principe! Não ha obstaculo que lhes estorve os passos, nem revez que os faça 'sustar na sua ardente carreira! Tão grande coragem, tão patriótico ardor, só podia inspirar um *D. Pedro V*. E' este o seu maior elogio.

A Commissão, que não perde meio algum de que possa auferir lucro para levar a cabo tão grande empresa, lembrou-se de pedir ao digno commandante da corveta brasileira para consentir que a sua banda de musica fosse ali tocar na ultima noite de leilão. Aquelle generoso coração não podia recusar-se ao pedido, e a curiosidade attrahiu muita gente que não appareceria sem este incentivo.

A musica da Guarda Municipal, postada já no lugar que tinha occupado nas noites anteriores, recebeu a sua irmã d'alem-mar, quando entrava no Jardim, com o hymno de S. M. o Imperador do Brasil, a que ella correspondeu, fazendo a sua estréa com o hymno do nosso Rei *D. Luiz I*. A municipal repetiu depois o primeiro hymno, aquella o segundo, e assim successivamente, até que a banda do regimento 18° veio pôr termo a esta obsequiadora polemica, tocando o hymno de *D. Pedro IV*.

O publico folgava com esta rivalidade tão amiga, e animava os contendores com incessantes palmas e repetidos bravos. Terminou a funcção á meia noite, fazendo a Commissão servir uma ceia á banda de musica brasileira. Ahi foram tambem brindados os dous Monarchas, a Commissão artistica, os Portuenses, etc., etc.

Já vês que n'uma época como esta, sempre monotona no centro de grandes povoações, quando as flôres das nossas salas, abatidas pelo carregado ambiente das cidades, fogem para as praias e para os campos, em busca de novo viço, nova seiva com que alimentem mais tarde a fogosa imaginação dos nossos *leões*, que procuram tambem prover-se de novo ar para voltarem á liça nos espaçosos salões do Club, da Assembléa Portuense e da Phylarmonica; nesta

época em que os theatros estão fechados, e os cafés vazios, é bem para estimar um leilão em S. Lazaro, ou mesmo um crocodilo e duas serpentes, diversão com que nos tem mimoseado *M<sup>me</sup> Cavana*; um entretenimento qualquer que nos faça passar alguns momentos menos fastidiosos, a mim e a aquelles que, como eu, não podem ir respirar o ar livre dos campos.

Está outra vez entre nós o violinista Francisco de Sá Noronha. Depois de se ter demorado em Lisboa tres annos, com grande detrimento dos seus interesses, voltou aqui sem conseguir levar á scena a sua opera *Bcatriz de Portugal*, offerecida ao finado Rei *D. Pedro V*, opera que foi quasi toda escripta na America, quando o insigne artista fazia a viagem do gigante e impetuoso Amazonas. A imaginação do artista, inspirada pela grandeza desse colosso, devia forçosamente produzir magestosos trechos musicaes. Não se explica a razão porque tantos estorvos se oppozeram á realização do seu intento.

Como pode um artista, por mais esplendido que seja o seu talento, sustentar a coragem precisa para encetar segunda composição, sem poder ver o resultado da primeira?

Como hade corrigir naquella os defeitos que não pôde ver nesta?

Mau fado é este das nossas cousas! Agora parece que elle nutre esperanças de conseguir no Porto o que lhe fôra negado na Capital. Oxalá que se lhe aplane a estrada que tem encontrado sempre obstruida pelos máus desejos, e pela intriga talvez.

O poema *D. Jayme*, e a *Conversação preambular* — de A. F. de Castilho, têm dado causa a interminaveis polemicas, a mil discussões, que tarde findarão.

O Ramalho Ortigão foi o primeiro que appareceu em campo, combatendo a opinião de Castilho. Surgiu depois o Soromenho, de lança em riste, dirigindo notes ao mesmo alvo. Um Leonel de Sampaio veio em seguida, como regedor zeloso do seu cargo, harmonisar os contendores; parecia-lhe que o Castilho derramava demasiado incenso na *Epopéa Nacional*, mas censurava o Ramalho por exigir correção grammatical n'um poema!

Appareceu finalmente na *Revolução de Setembro* um Snr. Pinheiro das Chagas, nome que nem a linha telegraphica, nem as corridas diarias da mala-posta tinham feito chegar a esta cidade, em defesa da *conversação preambular*. A questão promete ainda durar muito, porque de toda a parte surgem criticos ao *D. Jayme*.

O Thomaz Ribeiro vae lucrando com isto, porque tem vendido grande numero de exemplares, e tem conquistado um nome que não

alcançaria tão depressa, apesar de todo o merito do seu poema. Eu já o li, e vou dizer-te (aqui para nós) a impressão que senti.

Encontrei versos que me pareceram lindíssimos, sublimes até, a par de outros que me soaram mal.

Ao ler os dous primeiros cantos não pude deixar de extasiar-me; mas ia decrescendo o meu entusiasmo com a continuação da leitura.

Não me censure por metter foice em seára alheia: repara bem que te não prometti uma critica, mas sim o effeito das minhas impressões.

Pareceu-me ver um valle coberto de verde e viçosa relva, que se nos afigura em distancia um continuado tapete, mas onde vamos ver de mais perto a urze e o tojo, e ás vezes um penedo com que esbarramos, quando mais deliciados estavamos, respirando o ar embalsamado pelas madresilvas, ou escutando o mavioso canto do rouxinol. Não divulgues, porém, esta minha opinião, para que se não afflijam os que se extasiam diante do tojo, não se zanguem os que se picam na relva, nem se riam os que só conhecem a incompetencia do teu mano e amigo

MIGUEL NOVAES.

### Lembranças que parecem esquecimentos.

O christianismo, depois de haver triumphado da corrupção dos Romanos, do martyrio, da barbaria da média idade e do philosophismo do seculo XVIII, está hoje a braços com o seu maior inimigo — a *indifferença*.

Os povos indolentes não nascéram para a liberdade. Da indolencia pôde brotar por acaso o entusiasmo, que conquista, mas não a tenacidade, que conserva.

O bezerro d'ouro é a divindade que mais adoradores conta sobre a terra. Os poetas são os *scepticos* desta crença, os avarentos os *martyres*.

Todas as ruas *direitas* são tortas. Daqui é que veio talvez a lembrança de chamar-se *direito* ao corpo de leis.

Politica, pelotica. — O philologo aponta a differença de um a outro vocabulo; mas o vulgo acha entre elles tanta affinidade que os confunde.

Em que se parece o tolo com o sapo? Na facilidade com que ambos-se deixam magnetisar por seus astutos inimigos — o velhaco e a cobra.

—  
 Porque é que tanta gente, a cada passo, e em tudo, consulta como norma de suas acções o thermometro da opinião publica?

— E' porque o thermometro da propria consciencia lhes marca — *zero*.

—  
 O animal que vivia arisco e ás soltas, attrahido pela lambugem do sal e pelo soido do bornal, consente que lhe lancem o cabresto. — Noivado.

Sente prazer em que lhe passem a mão no pello, e façam ensaio da cangalha. — Lua de mel.

Aguenta carga a estourar pelas ilhargas.—Permanencia conjugal.

Accrescendo a sobrecarga da prole aos lombos já pisados, vai por toda a parte apregoando as vantagens do estado. — Pai de familia.

—  
 O magistrado, sob cuja béca não bate um coração de homem, e que deixa de apurar neste cadinho as sentenças dictadas pela cabeça, converte-se em machina de julgar, capaz de enforcar o genero humano para salvar um aphorismo de direito.

—  
 Os que trepam a escada do poder começam a ascenção atirando pedras aos que estão de cima, e acabam-n'a cusbindo nos que estão debaixo.

—  
 Goza sem ostentação, se queres que os outros não procurem aguar o teu prazer. Sofre com dignidade, se queres que os outros respeitem a tua dôr.

—  
 Polidez do egoista, — polidez do aço.

—  
 Os nossos padres clamam a bandeiras despregadas contra a falta de crença. Acho-lhes toda a razão: em tempos de carestia os mais indigentes são sempre os que mais gritam.

—  
 O egoismo é um peccado de que, mais ou menos, todos nós temos de dar contas a Deos. Ha egoistas de muitas especies; entre ellas prefiro a daquelles que, admittindo o principio de reciprocidade, não exigem que ao seu egoismo corresponda a dedicação dos outros.

—

## O verso alexandrino.

(A. F. X. de Novaes.)

*Et je m'exaspérais, faisant la faute énsome,  
Ayant raison au fond, d'avoir tort dans la forme.*

V. HUGO. — *Les Contemplations.*

Tressúa luz que ferve em sua nobre fronte  
Como o rubôr d'aurora em mais amplo horisonte,  
O verso alexandrino; e inda em cheio esplendor,  
Sustendo aos hombros seus espheras de harmonia,  
Azas d'oiro batendo aos céos—ha pouco—o via  
Nos muros de Sion face a face ao Senhor!

O esculptor não esqueceu, não pôz de pé a ideia?  
Ben.—Que importa, em que molde, em que argilla, em que areia,  
Lançou fundido e ardente o fulgido metal?  
Que importa ao pescador, o que o mar lhe murmura,  
Quando do fundo sahe com perola segura;  
E torna e volta, e traz um ramo de coral?

Vem sussurrante a estrophe, e na aza branca arrasta  
Da funda solidão — da solidão tão vasta,  
Que alma se chama, á terra, o que ella nos mandou?  
De lagrimas molhado, ou d'oiro derretido  
De placido sorriso o verso vem vestido?  
Cantou, gemeu, sorriu? — Que importa o mais? — Bastou.

A querida mulher, a quem amor nos prende,  
O que elle geme, e chora, e espera, e creê.... entende?  
Não basta? E' pouco ainda? Ainda quereis mais?  
O sol não se reflecte, e a vida, e a mocidade  
Com todo o fogo e luz, e toda a intensidade,  
Que ha nelles, nas prisões, aonde os manietaes?

Por floridos vergeis não cantam passarinhos?  
O rio não saltita e geme entre seixinhos?  
O vento não baloiça os crespos matagaes?  
O mar, o dia, a noute, o céu, o campo, as flôres  
Não podem dar ruido, amor, perfume e côres  
A ti, verso zurzido em versos immortaes?

Não pôde despenhar-se em rapida carreira,  
Das paixões impellida, ali, vossa alma inteira  
E, como aguia, nos céus as azas expandir?  
Correr, subir, descer em largos horisontes,  
Com quatro vôos só medir todos os montes,  
Deixar o abysmo aos pés, de pasmo a bocca abrir?

Para um povo de anões, talvez, és tu gigante!  
Para que vens radioso, ó novo e bello Athlante,  
Se os largos hombros teus não têm que carregar?!  
O Luiz de Camões não te ensaiou ao menos!  
Dante pôde metter em versos mais pequenos  
O inferno, o purgatorio, o céu, a terra, e o mar!

Mas ei-lo, corre aqui e tímido scintilla :  
 Ali vos fita a luz de morbida pupilla ;  
 Cicia, rumoreja, exhala-se a gemer,  
 Medroso, como um bosque á noute todo cheio  
 De aroma a trescalar das sombras do seu seio,  
 De vermes a luzir, de folhas a tremer !

Um dia heis vê-lo erguer-se ululante e horroroso,  
 Como irrompe o leão da furna e do repôso  
 Ao sibilar da balla, e ao golpe seu lethal,  
 Sacudir-se, eriçar a juba flammejante,  
 E açoitar o tyranno, e o prender, como Daute,  
 Na cauda aos pés do tempo — o ancião immortal !

Outro dia o vereis armado, como Apollo,  
 Vendo erguer-se a cautar das entranhas do solo,  
 Das tunicas de pedra erguendo os braços seus,  
 Cidades juvenis, coroadas de florestas,  
 Lavando os pés no mar, batendo as mãos em festas,  
 Que as fundas crenças dão de liberdade e Deus.

Outras vezes é sylpho ; e esvoaçando ligeiro  
 Da virgem vai dormir no mesmo travesseiro,  
 E segreda-lhe : — Eu sei sorrir ao teu sortir :  
 — Como uma rosa solta á corrente de um rio,  
 — Em meu seio odorento a tua vida eu guio,  
 — Como um sonho a dar flôr, e enastrando o porvir !

— Das alvas me rubóro ; e encham-me ruidos  
 — Do berço inda a vagir, da cova inda em gemidos,  
 — E que da voz do amor, e da saudade vêm :  
 — De tudo o que tem vida, e mexe, e que suspira,  
 — Soletra as notas d'oiro a minha eterna lyra,  
 — De tudo o que tem vida, e que um perfume tem. —

Outras vezes é anjo. — A aureola da belleza  
 Na fronte lhe sorri sob um véo de tristeza :  
 No labio grave a voz os sons ceruleos tem :  
 A mão candida alaga a luz de um raio immenso !  
 Um pé pousa n'um globo : outro pé 'stá suspenseo :  
 Com fremito incessante as azas vão e vem !

Então parece estar-lhe o mundo confiado,  
 E empanar-lhe o esplendor, e vela-lo um cuidado !  
 A espada da justiça é raio e não é luz !  
 A caridade —irmã, entrega-lhe uma lyra,  
 Da mão lhe cahe o raio ; o anjo então suspira,  
 E o vago pensamento em musicas traduz !

— Eu levo — estrophe branca — atada ás miúdas pennas  
 — A primavera, a luz, as niveas assuceuas,  
 — Que pelo chão da vida o homem desfolhou :  
 — As agonias levo, e as noites ensopadas  
 — De lagrimas sem fim e sem razão choradas.  
 — Que a loura mocidade atraz de si deixou !

— E o coração, que cre, ama, perdôa, implôra,  
 — E o coração, que odeia, a tréva junta a aurora,  
 — Eu levo, e o desespero, e a viuvez, e a cruz!  
 — Levo a victima, e o cêpo, e a machadinha, e o algôz.  
 — A Deus, que — cardo e rosa — a terra assim nos pôz,  
 — A Deus, que é chamma, e tudo a chamma em si reduz! —

Bemdito seja o gesto, a voz, o grito, ó hymno,  
 Que move, e falla, e geme, e canta, e seu destino  
 E' da eterna esperança as almas arroubar!  
 Feliz eu se entornar em versos taes podera  
 Os sonhos juvenis da minha primavera,  
 E a dôr, e as illusões, e a vida emfim cantar!

Oh! natureza, oh! luz, amor, e campo, e flôres,  
 Bosques cheios de sombra, e cheios de rumores,  
 Olhos d'ouro da noite em céus azues... dizei,  
 Que verso pode andar sem vossa companhia  
 Como esplendido véu de musica o harmonia  
 Dando ao vento, que passa, o seu mauto de rei?!!

A satyra n'um dia altiva a frente erguendo,  
 Qual na tripode a deusa os olhos revolvendo,  
 Em verso alexandrino ousou sentar-se audaz!...  
 Palpitava-lhe a carne; e as roupas roçagantes  
 Laceradas eu vi por seus dedos brilliantes...  
 As roupas de frouxel, em que ella propria jaz!

Nega o perfume a flôr? e nega a flôr o galho?  
 O galho nega a planta? a planta nega o orvalho?  
 O orvalho nega a aurora? a aurora nega os céus?  
 Aonde a mente humana a dar comsigo iria?  
 Negando a aurora o sol, o sol negando o dia,  
 Negando o dia a luz, e a luz negando a Deus?

Queu o ciê? — Salve pois, ó bello alexandrino,  
 Que até podes conter em seu furôr divino  
 A satyra soberba e irriquieta a rugir!  
 A satyra em teu collo altiva e reclinada,  
 Franzindo, e desfranzindo a frente annuviada...  
 E tu victorioso, e soffrendo-a a sorrir!...:

Tendo na frente a ruga, onde ululam furôres;  
 Nas convulsadas mãos os raios vingalores,  
 Na bocca o teu rugido, ó satyra lethal,  
 Eu te desejo atada ao verso alexandrino...  
 Bramar.... rugir.... morder.... que seja o teu destino;  
 Que, em paga aos teus desdens, te faça elle immortal!

1 de Outubro 62.

LUIZ DELFINO.

Estes versos foram originados da satyra *a embirração*, do meu amigo o Sr. F. A. de Novaes. A primeira estancia refere-se á poesia — *Aspiração* —, do Sr. Machado de Assis, publicada no 2.º numero do FUTURO.

## CHRONICA.

Rio de Janeiro, 15 de Outubro.

Eu tenho por costume, sempre que enecto um trabalho que não está incluído nos meus hábitos vulgares, concentrar-me e travar com a minha consciência um dialogo, cujas variantes vem sempre a dar este resultado:

— Julgas-te disposta a acompanhar-me na ardua tarefa a que me propuz?

— Julgo.

— Sentes-te com coragem para arrostar com todos os precalsos a que a tua ousadia possa levar-te?

— Sinto.

— Então comecemos.

Quando porem o meu prezado amigo F. X. de Novaes me impôz a dolorosa peregrinação sobre todos os successos da quinzena, nem sequer consultei a propria consciencia, tão auiñado me achei para trilhar tão escabroso caminho. Respondi logo affirmativamente: e só agora, que eu principiava a arranjar-me para a jornada, é que me vejo despido de todos os accessorios indispensaveis para ella.

Nem bordão, nem roineira, nem chapéu e nem sandalias.

Resolvi-me: vesti a casaca preta, e fui.

— Terei muito que noticiar ás minhas leitoras, dizia eu; visitarei primeiro as — MINAS DE PRATA—, darei depois uma volta e procurarei inspirar-me na LUSBELLA do Gymnasio, e continuando um tão ameno caminho, chegarei ao Atheneu a saber O QUE É O CASAMENTO? e de todas as impressões desta minha viagem litteraria comporei a chronica a que estou obrigado por palavra.

Dito e feito: mas... parodiando a phrase de um dos maiores vultos da litteratura portugueza... meditei então seriamente no futuro da minha alma; e a fallar a verdade, tambem me deu que temer o futuro do meu corpo!!

Emfim, limpei o suor que me banhava o rosto, e segui.

AS MINAS DE PRATA devem a sua exploração até ao fim da sua primeira parte, á tão honrosa empreza da BIBLIOTHECA BRASILEIRA. Incompetente para avaliar um trabalho de tão extenso folego, direi apenas, que do GUARANY ás MINAS tenho achado uma vantajosissima differença não só no vigor do estylo; no natural desenho dos caracteres e dos costumes, e até na vernaculidade da linguagem.

Este trabalho do Snr. J. de Al. denuncia uma época de progresso no seu autor.

A LUSBELLA foi ingrata para mim! e eu que tantas esperanças tinha nella! Quando ávido de contentamento a procurava, com o coração a pulsar de enthusiasmo, ella occultou-se, sem que até hoje eu a pudesse ver.

Uma transferencia tinha posto o Gymnasio ás escuras.

Resignei-me, e continuei.

Preparem-se agora as minhas leitoras para lerem alguns paragraphos sizudos.

Deixei ha pouco a carreira dramatica. Nos quarenta e dous mezes da minha vida de artista, encontrei collegas que honram a arte e se houram por ella; e deparei com *homens* (?) que a aviltão pela falta absoluta de todos os nobres sentimentos que devem ornar a alma dos que sacrificam no altar da arte.

Os primeiros terão sempre de mim a consideração e a estima que sempre lhes votei: os outros... nem já me lembro delles!

Quando porém entre mim e elles—amigos e indifferentes— estiver a força da propria opinião, nem hão-de os meus labios tremer, nem ha-de a minha penna vacillar ao avançar uma censura, ou ao dirigir um elogio.

Resta-lhes o consolo da nullidade da minha opinião.

A artista a Sra. D. GABRIELLA DA CUNHA, a quem tributo respeito de filho, conhece-me bem, para ha muito saber que nestas occasiões, mais que o affecto que lhe votar, ha de valer a luz da razão e a força da vontade.

Podemos continuar a rir se quizerem.

O Athenaeo Dramatico apresentou ao publico no dia 10 a comedia em 4 actos, intitulada *O que é o casamento?*

Trataremos de resumir o entrecho:

Augusto de Miranda (o Sr. Joaquim Augusto) ao entrar em sua casa pareceu-lhe encontrar sua mulher no fim de uma entrevista criminosa, e quando o supposto amante saltava já pela janella. Desse engano nasceram os mais negros desgostos que durante um anno foram a vida daquella marido e daquella mulher. Seu irmão, Henrique de Miranda (o Sr. De-Giovanni), arrependido do seu culpado amor para com Bella, a mulher de seu irmão (a Sora. D. Gabriella), resolve casar com Clariuha (a Snra. D. Jesuina), que o amava e o estremecia, e a quem elle pagava com a indiferença que quasi sempre nasce nos corações — embora bem formados — quando mal dispostos para os enleivos do matrimonio. De tudo isto he victima Salles (O Sr. Martins) a quem Augusto de Miranda suppõe seu rival e a quem Clarinha conduz de ridiculo em ridiculo até á porta da rua, depois de fazel-o passar aos olhos do marido como seu pretendido amante. Sequeira e Alves são apenas adornos ao bello quadro tão distinctamente imaginado e desenvolvido por seu autor.

Dos desgostos destes dous *cazaes* se compõe o drama: desgostos que terminão quasi desesperadamente quando Augusto é sabedor da elevada virtude de sua espoza, e depois que Clariuha com toda a *malicioza ingenuidade* de sua alma, faz vêr a seu marido o errado caminho que elle trilhava, audando á caça pelos bosques de Petropolis, e deixando a casa aberta aos falcões da propria hora.

É esta comedia o trabalho mais perfeito que até hoje tenho visto na Litteratura Dramatica Brasileira. Conhecimento do coração, paixões naturaes e *admissiveis no theatro*, scenas de palpitante interesse, são as inapreciaveis bellezas de que se compõe tão aprazedor trabalho.

Couberão as honras do desempenho ao Sr. Joaquim Augusto, que foi habilmente acompanhado pela Sra. D. Gabiella. O papel de Clarinha confiado á Sra D. Jesuina Montauy, é uma das mais sympathicas creações de tão esperançosa artista.

Tinha mais considerações o fazer; mas, o Sr. Maia — pessoa que mais tarde hei-de apresentar ás minhas leitoras — disse-me que só lhe faltava materia para duas paginas.

Estão preechidas.

A. MOUTINHO DE SOUZA.





# O FUTURO.

PERIODICO LITTERARIO.

**REDACTOR PRINCIPAL E EDITOR RESPONSAVEL**

**FAUSTINO XAVIER DE NOVAES.**

Collaborado por varios escriptores brasileiros e portuguezes.

Em todos os numeros (ou pelo menos em um de cada mez) se dará uma gravura.  
Aliaça-se a publicação por um anno, e não se recebem assignaturas por menor prazo.

---

## Condições da Assignatura.

Para a Côrte 15\$000 — Para fóra da Côrte e provincias — 17\$000.

O pagamento será feito depois da entrega do 1.º numero.

Assigna-se no Escritorio da Redacção, Rua do Ouvidor n. 46, 1.º andar, onde deve ser dirigida toda a correspondencia relativa ao periodico.

## São correspondentes

Os Srs.  
Cutilina & C.<sup>a</sup>  
Cunha Irmãos & C.<sup>a</sup>  
Luiz Augusto de Oliveira  
Joaquim Baptista Moreira.  
Silva & Costa . . .  
Francisco Luiz Ribeiro.  
Joaquim Alves Leite .  
J. J. de S. Ayram Martins  
Felisardo Toscano de Brito  
José Gonçalves Guimarães  
A. L. Garraux  
Henrique Xavier de Novaes

Bahia.  
Pernambuco.  
Maranhão.  
Pará.  
Rio Grande do Sul.  
Pelotas.  
Porto-Alegre.  
Santos.  
Parahyba do Norte.  
Maceió.  
S. Paulo.  
Vassouras.